

Dostoiévski e a vitória das visões de mundo

Cláudia Drucker¹

Resumo: O artigo discute a atualidade da polêmica que Dostoiévski trava com a doutrina niilista na novela *Memórias do subsolo*. Niilistas, no sentido russo, são os jovens de vanguarda que sustentam um tipo de socialismo científico, ou melhor, tecnocrático. Dostoiévski explica a síntese niilista, que visa demonstrar como a justiça, a virtude, os afetos e a racionalidade cooperam em perfeita harmonia, e formula objeções. A crítica de Dostoiévski aos regimes tecnocráticos e burocráticos, não importa quão bem intencionados sejam, soam hoje já bem conhecidas, pois foram adotadas seguidamente pela posteridade. No artigo se sugere que a polêmica de Dostoiévski é parcialmente independente de um conteúdo específico. A caracterização do niilismo aponta a possibilidade de surgirem novas visões de mundo de base não mais claramente religiosa ou científica, e de o debate público ser dominado por posições inconciliáveis.

Palavras-chave: Niilismo; Utopia; Tecnocracia; Visão de mundo.

¹ Departamento de Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: claudia.drucker@ufsc.br.

A partir das *Memórias do subsolo*, uma das motivações fundamentais de Dostoiévski é descrever a chegada de uma mentalidade esclarecida à Rússia como fenômeno de massa. A obra madura de Dostoiévski está intimamente ligada a doutrinas do séc. XIX que brotam da modernização esclarecida. Reflexo já de uma maior permeabilidade a ideias estranhas da sociedade russa, ela contém dezenas de referências ao utilitarismo, ao positivismo e ao socialismo utópico, principalmente como absorvidos pelos seus representantes russos. Seguindo a prática que se tornou corrente nesse período da literatura russa, a paródia e a citação dos contemporâneos substituí até com vantagem a citação dos originais. O choque entre as formas tradicionais de vida e as mais modernas se torna um tema explícito na cultura e literatura russas justamente durante o tempo de vida de Dostoiévski, ou seja, depois de começar na Europa e em condições típicas de um país semiperiférico. Também os russos se deparam com o dilema de como fundar uma nova ordem coletiva diante da derrocada do patriotismo antigo e da justificação teológica da monarquia.

Não se trata aqui apenas de destacar alguns debates políticos e éticos tais como se desenrolam até com bastante precisão na obra do romancista. A resposta dostoiévskiana a esta atualização da cultura russa em relação às doutrinas

européias indica uma transformação antropológica. Suas preocupações sempre foram existenciais, e só então morais e políticas, e só faz sentido avaliar a política dostoiévskiana sob esse aspecto. As tendências explicitamente políticas do romancista são menos importantes do que a sua percepção das exigências feitas a quem sustenta as novas doutrinas – uma espécie de entrega existencial a uma visão de mundo sem lacunas.

Que baste como introdução localizar em que momento da história se encontra o nosso autor, e sua motivação que poderíamos chamar antropológico-filosófica. O debate político explícito fica em segundo plano, sendo mais importante a confrontação de atitudes, mais do que de apenas argumentos ou até valores.

A reverberação existencial das doutrinas progressistas

Analisemos agora um pouco como o roteiro de embates entre as ideias tradicionais e as novas se define pela primeira vez no grande escrito anti-utópico intitulado *Memórias do subsolo*. Antes da sequência dos grandes romances, iniciada com *Crime e castigo*, houve as *Memórias do subsolo*: uma obra de fusão de gêneros, com grandes doses de paródia, praticada em um tempo de parodistas magistrais, como Saltikóv-Schedrin².

² Sales (2010).

Já é um lugar-comum afirmar que o Dostoiévski dos romances principais tem um talento incomparável para criar personagens que defendem teses. Além de muitas vezes personificarem teses, os personagens as discutem, aclarando-as e dando-se a conhecer por meio da exposição. No entanto, esse não era um traço do escritor até 1864. O impulso para essa virada veio do surgimento de uma ficção niilista – sobre os jovens niilistas ou escrita por eles. A literatura de tese à russa nasce de um ambiente partilhado de polêmica intensa, mais do que apenas de um indivíduo. As *Memórias do subsolo* parodiam *O que fazer?*, de Tchernichévski, que, por sua vez, ambicionou corrigir a literatura sobre niilismo escrito por não-niilistas como Turguêniev. No caso de Tchernichévski, trata-se de uma afirmação dos jovens revolucionários vanguardistas em suas próprias palavras, revistas e romances. Ao fim e ao cabo, a comuna - descrita em *O que fazer?* sob o nome eufemístico de “atelier de costura de Vera Pávlovna”, dentre todos os regimes, é o mais vantajoso, virtuoso, prazeroso e conforme à natureza humana. Na primeira parte de *Memórias do subsolo*, o monólogo do protagonista sobre si mesmo não se separa da discussão teórica, mais especificamente da discussão das novas doutrinas. Trata-se de um diálogo imaginário com interlocutores esclarecidos, às vezes liberais, mas sobretudo niilistas.

O traço em comum aos dois grupos é convocarem doutrinas psicológicas e naturalistas para sustentar suas posições sobre como os seres humanos são, o que os guia, como tomam suas decisões, e tudo isso de forma necessária, pois é respaldado em leis tais como a busca do prazer e da vantagem. Pode-se dizer que o empirismo pavimentou o caminho para que os utilitaristas fizessem da psicologia a ciência (humana) primeira. Nada na natureza pode se passar senão obedecendo ao princípio de causalidade, à lei da gravidade, ou à evidência de uma operação realizada corretamente. Nenhuma tomada de decisão humana, em paralelo, pode ser explicada de outra forma senão por leis psicológicas igualmente necessárias, principalmente aquelas que ditam o imperativo de sobreviver da forma menos dolorosa possível. A diferença entre o interlocutor liberal e o socialista é que o segundo exigirá uma conexão necessária entre interesse e virtude. Na segunda metade do século XIX russo, os niilistas são jovens revolucionários que buscam fundar a virtude sobre uma ciência humana secular.

O niilista não se conformará com o império das paixões e dos apetites egoístas, que só um soberano forte poderia frear, nem conhecendo o sofrimento da maior parte da humanidade – acreditará em um equilíbrio entre paixões egoístas e benevolentes, que atenuaria a brutalidade dos homens. Tampouco acredita que a

concorrência entre diversos indivíduos ou grupos egoístas impediria a predominância de um só deles. O niilista russo exige a virtude de cada um e do todo da sociedade, ainda que fundada na constituição falha da humanidade. A virtude será amada e praticada, senão por si mesma, ao menos por sua maior utilidade individual e coletiva.

O que fazer? apresenta um verdadeiro compêndio do que chamarei síntese niilista, e como tal é ainda mais concentrada em *Memórias do subsolo*. A síntese niilista incorpora elementos de filosofia política e ética de várias fontes, principalmente inglesas e alemãs, ao mesmo tempo em que despreza o amor à riqueza material e prega o igualitarismo. Não se trata, literalmente, nem de Hobbes, nem de Feuerbach, nem de Mill, embora a noção difusa de um egoísmo humano de fundo permeie tais autores. Há também o egoísmo de Max Stirner, como Bakhtin indicou, que nem sequer visa o bem comum³. O utilitarismo e o socialismo científico tentam convencer o público de que é possível compatibilizar uma tendência irresistível ao egoísmo e ao cálculo com a justiça social. Se encontrarmos uma forma de convencer as pessoas de que a justiça social é do seu interesse, não precisaremos ter esperanças vãs de mudar seus instintos interesseiros, pois agora esse interesse coincidirá com o

interesse de todos. Como esse contrassenso aparente pode ser desfeito?

Os protagonistas de *O que fazer?* mesclam o amor da virtude – como a disciplina, a generosidade, a curiosidade intelectual e a industriiosidade, com momentos de hedonismo – quando recusam o casamento monogâmico e outras convenções sociais. Em pontos cruciais da trama, o seu hedonismo se torna bastante duvidoso, como quando concluem que os seus maiores prazeres advirão precisamente da renúncia ao prazer e ao lucro imediatos. Cada indivíduo, sendo também um representante da sua espécie, sente prazer em servir à espécie e seus interesses. Em *O que fazer?*, as ações mais altruístas se revelam, ao fim e ao cabo, as mais egoístas, desde que o leitor se satisfaça com essa noção de egoísmo.

A referência a Feuerbach é crucial nessa construção doutrinária. Na introdução à *Essência do cristianismo*, Feuerbach se refere à “vida dupla” do homem, em contraposição ao animal. Nossas habilidades especificamente humanas são as habilidades conscientes da espécie em nós. O animal individual não se relaciona com a sua essência, mas o homem é consciente dos seus traços especificamente humanos e, por isso, traz consigo uma consciência da espécie: “o animal tem apenas uma vida, o homem, uma vida dupla: no animal a vida interior

³ Bakhtin (1997).

é uma com a exterior - o homem tem uma vida interior e exterior. A vida interior do homem é a vida em relação à sua espécie, sua essência em geral”⁴. A “essência do homem em geral” significa: a essência, falando de modo geral, do homem. Contudo, Tchernichévski personifica o “homem em geral”, como se fosse um segundo sujeito, o sujeito de espécie, dentro do sujeito individual⁵. Cada indivíduo é ele mesmo e um “homem em geral” e, quando os dois entram em conflito, os interesses do homem de espécie, o homem em geral, acabam se mostrando supremos. Cada indivíduo também sente prazer em servir à espécie e seus interesses mesmo quando um espectador externo pode entender as suas ações como desvantajosas. Eis como a virtude passa a ser desejável ao indivíduo e proveitosa para a sociedade, de modo que todos saem ganhando quando entendem quais são os seus maiores interesses.

Dostoiévski não se refere à doutrina do “homem em geral” e como eles podem superar os interesses do homem particular, mas percebe todo o resto com enorme perspicácia. Suas objeções se dirigem, sobretudo, à suposta necessidade férrea do argumento, baseada em argumentos pseudocientíficos que têm a pretensão de nos dizer como não podemos deixar de agir. Ele concentra em poucas páginas cada uma das premissas e dos

argumentos prediletos dos personagens de Tchernichévski, que desembocam na conclusão segundo a qual o socialismo é o mais vantajoso, prazeroso e conforme à natureza humana de todos os regimes.

Nas *Memórias do subsolo*, esse debate culmina no fim do capítulo VII e começo do capítulo VIII. Nas mãos dos legisladores corretos, que entendam qual a melhor ordem social, os homens podem vir a ter uma existência tão regrada e harmoniosa como as das sociedades de insetos. É nesse contexto que o homem do subsolo menciona as comparações entre as sociedades humanas e as colônias de insetos até hoje tão empregadas. A analogia entre as sociedades humanas a de formigas e abelhas pertence ao tempo das Luzes francesas e, desnecessário dizer, geralmente indica as vantagens das sociedades de insetos. Já na década revolucionária, afirma Drouin, “a maior parte dos autores afirma ou dá a entender que as sociedades de insetos são prósperas porque os indivíduos que as compõem obedecem a leis”⁶. Primeiro, tais leis ainda encontram explicações teológicas, como ditadas pela inteligência divina. Logo depois, a natureza será responsável pela disciplina social e por algo como a submissão, a princípio, racionais, de boa organização do trabalho.

Se alguém objetar que homens não são formigas nem abelhas porque têm liberdade de querer, o niilista objetará que

⁴ Feuerbach (1841).

⁵ Tchernychevski (2000, p. 229-260, 267).

⁶ Drouin (1992, p. 339).

os desejos humanos podem ser semivoluntariamente canalizados, produzindo indivíduos virtuosos – isto é, obedientes e, ao mesmo tempo, satisfeitos. Algumas das objeções principais do homem do subsolo se dirigem à noção que existe uma natureza humana previsível e, portanto, manipulável – para o bem ou para o mal. Além disso, como pode haver virtude quando se age apenas movido por compulsão? Não será necessário expor um texto tão conhecido e até mesmo tão claro. Basta recordar, em relação à psicologia como ciência primeira, que várias são as alusões do autor a uma suposta necessidade das decisões humanas, e à rejeição do livre arbítrio. Tudo o que acontece, inclusive nossos processos decisórios, são tão inevitáveis como os resultados de cálculos matemáticos, donde os bordões que pontua o texto, como “dois e dois são quatro” ou “o muro de pedra”. O lado bom das leis necessárias é que, uma vez confrontado com o que é bom para si e para o grupo, o indivíduo já não terá como recusar-se a mudar suas atitudes. Ele aceitará que não tem como recusar uma sociedade tão equilibrada e harmônica como a das formigas e abelhas.

Os argumentos racionais a favor do socialismo, tão em voga no séc. XIX, perpetuam o desejo de uma sociedade em que os indivíduos são disciplinados, graças à boa compreensão dos seus verdadeiros interesses. Mas como alguém sabe quais são os interesses supremos da humanidade, e como escolheremos os seus

porta-vozes? Tanto o determinismo como as doutrinas sociais que nele se baseiam, como o utilitarismo e o comportamentalismo, acabam por enunciar uma tautologia: a vantagem suprema é aquilo que é o mais desejado. Trata-se de uma resposta circular que não permite definir em que consiste o mais desejado: liberdade, prazer, justiça, caráter?

O primado da visão de mundo sobre a existência

Há algo de datado nessa discussão. Nenhuma escola de pensamento político de peso sustenta, hoje, que se deva motivar os indivíduos apesar de si mesmos, por assim dizer, a desejar o progresso social, ao expô-los a argumentos psicologicamente irresistíveis. A economia se tornou independente como a ciência que visa desvendar o comportamento racional (leia-se: interessado), mas, na cena pública, não reivindica o monopólio da explicação do comportamento social. Argumentos tecnocráticos continuam a fazer parte da cena pública, mas o século XX foi pródigo em críticas a eles, o que prepara o leitor contemporâneo para a redescoberta de Dostoiévski. Há décadas a intelectualidade europeia se volta para a reavaliação da própria história. Filósofos, sociólogos, economistas falaram em modernização, desencantamento do mundo, racionalização, ascensão do

capitalismo em sentido próprio, ascensão do liberalismo. Todos esses conceitos têm em comum, ainda que os autores divirjam muito, a tentativa de compreensão do porquê a Europa ter se tornado o ponto de referência do resto do mundo, e em que precisamente essa centralidade consiste. A gama dos críticos também é variada. Escritores religiosos, como Eliot e Bernanos, conservadores antiliberais como Schmitt, comunistas como Adorno, radicais não comunistas como Foucault – todos estes têm algo distancamente em comum com Dostoiévski.

Vários dos autores mencionados nem superaram Dostoiévski, nem simplesmente vêm de Dostoiévski. Podemos apenas suspeitar que ele deixou sua marca. Benjamin teria chamado Paris de “capital do século XIX” se não existissem as *Notas de inverno sobre impressões de verão?* A figura do Grande Inquisidor não perpassa a obra de Carl Schmitt, confundindo-se com a do próprio Leviatã? Na filosofia também, o homem do subsolo deixou a sua marca. Considerando aqui, principalmente, a língua alemã, Dostoiévski não pode ser chamado de pensador existencialista acabado, mas de instigador de uma noção de existência humana distinta do modo de ser dos outros entes. Historicistas como Droysen e Dilthey, contemporâneos de Dostoiévski, rejeitam a psicologia naturalizada em termos semelhantes aos

deste, tendo por referência os mesmos Mill e Comte⁷. As convergências com temas caros à filosofia acadêmica europeia não passaram despercebidas. Em 1956, Walter Kaufmann organizou uma antologia de filosofia existencialista, pôs em primeiro lugar a primeira parte das *Memórias do subsolo*, sem maiores elaborações⁸. O homem do subsolo não tem uma abordagem filosófica detalhada nem as *Memórias* são, a rigor, um tratado. No entanto, elas formulam a exigência de dispensar o modelo naturalizado empregado pelos niilistas de Tchernichévski. Dostoiévski não tem um método filosófico exposto, mas tem um ponto de partida claro: o incômodo diante da psicologia utilitarista e a tecnocracia em prol da humanidade equivale a uma tomada de posição. A primazia da busca da vantagem, estabelecida como princípio antropológico supremo, é tão arbitrária quanto o seu oposto, e a própria vantagem suprema é definida por seus partidários de modo instável. A infalibilidade dessa motivação é uma ilusão: o homem é imprevisível e indeterminável – felizmente, e mesmo pagando muitas vezes um preço alto por essa liberdade.

Além disso, talvez seja inexato afirmar que o homem do subsolo deixou de ter interlocutores, mesmo que o discurso político tenha se afastado de argumentos cientificistas e a utopias tecnocráticas tenham sido rejeitadas. Por

⁷ Beiser (2011, p. 325).

⁸ Kaufmann (1996, p. 52-82).

um lado, assistimos há muito à derrocada dos argumentos pseudocientíficos nas humanidades e nos discursos políticos. Ainda que sejamos pouco suscetíveis ao apelo ao progresso da humanidade, à saída das trevas da ignorância, à crença na possibilidade de definir uma sociedade mais desejável sem levar em conta a pluralidade de opiniões e desejos, resta algo do cenário nascente apontado por Dostoiévski, a saber, o recurso a discursos fundados em princípios absolutos. O dogmatismo, como o seu nome diz, um tipo de opinião indiscutível, insuscetível de demonstração e dispensada de argumentação. Na sua origem, terá sido a obra de religiosos que ainda não conheceram os novos modos de pensar. A síntese niilista, porém, é um exemplo de doutrina exclusivamente secular, tão impenetrável quanto qualquer fundamentalismo religioso. Dostoiévski previu o advento do dogmatismo secularizado, que pode ter como conteúdo o determinismo ou outro.

A negação recíproca e absoluta de determinismo e liberdade prenuncia o que veio a se chamar um embate entre visões de mundo. A expressão “visão de mundo” tem uma história já antiga, que não cabe recuperar aqui, e já teve tanto detratores quanto defensores. De fato, mais detratores do que defensores⁹. Em tempos atuais é um tema às vezes associado ao fundador do movimento fenomenológico,

Edmund Husserl, passamos do naturalismo ao império das visões de mundo. No escrito “A filosofia como ciência rigorosa”, de 1911, Husserl aponta dois mal-entendidos que obstam o entendimento correto da tarefa da filosofia. O primeiro mal-entendido é o naturalismo, do qual as *Memórias do subsolo* apresentam uma ótima ilustração. Trata-se da generalização dos procedimentos que trouxeram sucesso à moderna ciência da natureza: quantificação e descoberta de relações causais estritas que possam ser expressas em equações. Determinismo, utilitarismo etc. são tipos de pensamento naturalizado, que nivelam o homem aos entes naturais e se tomam por suficientemente fundamentados. A possibilidade da quantificação, porém, não está fundada na própria natureza em si, nem em leis psicológicas. A ciência é uma obra humana, sem ser algo apenas inventado pelo homem. O naturalista inverte tudo ao explicar processos humanos mediante a ciência, sendo que a ciência é um produto humano. Cabe à filosofia explicitar as estruturas imanentes da consciência para encontrar o arcabouço lógico das proposições científicas, ao invés de apostar em uma natureza em si ou na mera constituição psicológica da mente humana.

Todo o argumento repousa na possibilidade de distinguir radicalmente

⁹ Ponsetto (1994).

leis psicológicas de leis lógicas, um assunto no qual não será necessário adentrar. A posição que Husserl considera ser a oposta ao naturalismo, mas igualmente daninha, é a do historicismo. A noção de historicismo é famosamente ampla e, como movimento histórico, abriga figuras muito distintas – o que não impediu que a noção e o movimento fossem de grande impacto. Droysen e Dilthey – acima citados, mas principalmente o segundo – serão lembrados por Husserl e outros principalmente por terem enfatizado o condicionamento histórico das nossas crenças. O problema do historicismo, segundo Husserl, é sua instabilidade de fundo: o historicista sustenta que nossas crenças são, em última instância, condicionadas historicamente, e que não há um critério suprahistórico com que possamos medi-las. Assim, de certa forma, todas as verdades de uma época seriam legitimadas pelo conjunto de todas as supostas verdades. Existe aí um contrassenso, que consiste em “fundar ideias sobre fatos”, e pedir às configurações culturais de época que legitimem as leis da lógica¹⁰. O problema maior, segundo Husserl, é que justamente essa coesão faz com que o relativismo esqueça que é relativista. Um relativismo coerente a ponto de fundar uma visão de mundo não se entende como tal, e internamente tem valor absoluto. Talvez

fosse mais correto entender a crítica de Husserl nos seguintes termos: o maior problema não é que a visão de mundo seja uma forma de relativismo, mas precisamente que se eleve à validade absoluta.

Se é razoável entender o texto de Husserl assim, ele terá o que dizer hoje. No âmbito da chamada filosofia continental, na virada do século, disseminou-se a previsão de que a derrocada das verdades absolutas traria uma visão relativista, mas também tolerante e modesta. O “pensamento fraco” de Vattimo e o pragmatismo democrático de Richard Rorty são variantes de posições então populares: quando não se pode asseverar que a minha opinião é mais verdadeira e bem fundamentada que a sua, devo aceitar a possibilidade de haver várias opiniões plausíveis. No entanto, o passar dos anos – e a multiplicação dos fóruns públicos, possibilitada pela tecnologia – mostra que se passou o oposto. A derrocada de uma autoridade como a da religião ou a da ciência não levou nem ao respeito à pluralidade, nem à tolerância. As visões de mundo totalizantes e absolutas se tornaram uma bolha doutrinária, inacessível e impermeável, em que grupos se entrincheiram contra outros grupos.

A síntese niilista foi uma das primeiras visões de mundo, mas certamente não a última. Dostoiévski

¹⁰ Husserl (2009, p. 53).

descobre a transformação antropológica que consiste no primado da visão de mundo sobre a existência. O habitante do subsolo é o primeiro grande personagem dostoiévskiano a se entender como alguém que se depara com doutrinas – e que toma tais doutrinas como uma provocação pessoal. A seu modo, ele se revolta contra a exigência que doutrinas sejam o norte da existência. Enquanto o homem do subsolo, para o bem ou para o mal, recusa-se a ser definido por uma doutrina, por mais avançada que ela seja e ainda que ele se confesse incapaz de refutá-la, não é insensível ao impacto profundo da adoção de visões de mundo por parte dos indivíduos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Paulo Bezerra (trad.). 2a. edição. Rio de Janeiro: Forense, 1997, p. 89.

BEISER, F. **The German Historicist Tradition**. Nova York: Oxford University Press, 2011, p. 325.

DROUIN, J.-M. L'image des sociétés d'insectes en France à l'époque de la Révolution. **Revue de Synthèse**, IV: 333-345, p. 339, 1992.

FEUERBACH, L. Introdução: A essência do homem em geral. In: **A essência do Cristianismo**. Leipzig: Otto Wiegand, 1841. p. 1. Fac-simile em: https://books.google.de/books?id=n6AUAAAQAAJ&pg=PR1&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

HUSSERL, E. **Philosophie als strenge wissenschaft**. Hamburgo: Felix Meiner, 2009, p. 53.

KAUFMANN, W. (org.) **Existentialism from Dostoevsky to Sartre**. Nova York: Meridian, 1956, pp. 52-82.

PONSETTO, A. Genesi dell'idea di Weltanschauung e recupero dell'idea originaria di filosofia. **Idee**, North America, 26, dez. 1994. Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/idee/article/view/3019/2482>. Acesso em: 24 Nov. 2021.

SALES, D. R. **A sátira de Saltykóv-Schedrin em História de uma Cidade**. 2010. 304 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 265.

TCHERNYCHEVSKI, N. **Que faire?** Trad. Dimitri Seseman. Paris: Éditions des Syrtes, 2000, pp. 229-260, 267.

Abstract: *The article sets forth the contemporaneity of the Dostoyevskian polemic with the nihilistic doctrine, focusing on the novel Notes from underground. Nihilists, in the Russian sense, are young avant-garde who uphold a kind of scientific, or rather, technocratic, socialism. Dostoevsky explains the nihilistic synthesis, which purportedly proves that justice, virtue, passion and rationality concur for social harmony, and points out the flaws in such reasoning. Dostoevsky's critique of technocratic and bureaucratic regimes, no matter how well intentioned they might be, has been adopted repeatedly by posterity and does not sound as fresh anymore. The article suggests, however, that Dostoevsky's polemic is partially independent of any specific content. It points to the possibility of new worldviews emerging even when they lack a clear religious or*

scientific basis. Dostoevsky has foreseen a future in which public debate is dominated by irreconcilable positions.

Keywords: Nihilism; Utopia;
Technocracy; Worldview.